



O Gaiato



Quinzenário • 30 de Dezembro de 1989 • Ano XLVI — N.º 1195 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

TRIBUNA de COIMBRA

• Cinquenta anos

«A Casa do Gaiato de Miranda do Corvo abriu no dia 7 de Janeiro de 1940, com três gaiatos: Mário Diniz, de 11 anos, da Sé Nova; José Araújo, de 9 anos, de Santa Cruz; e Aristides Araújo, de 8 anos, de Santa Cruz.

Tinham-me informado de uma casa de campo à venda em Miranda do Corvo. Fui vê-la numa tarde de Verão. Gostei e tratei por quarenta mil escudos.

A compra da casa foi feita sem dinheiro.

Assinei a escritura, dei metade à conta e, no fim de poucas semanas, tinha a dívida saldada.

Acabaram-se as horas angustiosas de não poder remediar o garoto doente da mansarda e de dizer que não ao rapaz que me pede: «Deixe-me ir consigo.»

Assim escreveu Pai Américo.

A Casa do Gaiato começou por ser Casa de Repouso para crianças pobres e doentes. Passado algum tempo começou a ser Casa de Família para os sem família.

Nestes cinquenta anos, a Casa do Gaiato abriu suas portas a 795 filhos. Nesta hora são 120 os ocupantes.

Destes filhos alguns vieram de muito longe. Dos vários cantos de Portugal e Ilhas e da Espanha, França, Estados Unidos, Brasil, Moçambique, Angola, S. Tomé, Cabo Verde, Guiné e Marrocos.

Em muitos destes, quantas vidas de sangue, sobretudo os que tiveram de vir fugidos do ex-Ultramar!

Continua na página 4

O nosso jornal

Não mais falámos da interpelação feita por um casal de médicos aos seus colegas do norte do País com a intenção de os sensibilizar para O GAIATO mediante a oferta de dois números do jornal. E não falámos porque quisemos dar tempo às ressonâncias — tempo que decerto ainda se não esgotou. Porém, já na posse de muitas, vamos dar conta delas.

Vários não foram atingidos, pela desactualização dos endereços que a Ordem dos Médicos gentilmente pôs à nossa disposição — cerca de dois centos. Trata-se, na generalidade — como na Ordem nós explicaram — de Clínicos gerais que, em sua caminhada profissional, ainda não puderam fixar-se.

Muitos outros, como já supúnhamos, eram, eles mesmos ou alguém em suas casas, assinantes do jornal — e tiveram o cuidado de no-lo dizer. Bem hajam pela sua delicadeza. Alguns na mesma situação não terão podido dizer nada; mas nós, na circular que acompanhou a oferta, preveníamos de que não era necessário. Por isso, tudo bem.

Poucos jornais nos chegaram devolvidos com a nota de «recusado». E ainda assim, o nosso casal de médicos acredita que a recusa possa ser acto, não dos destinatários, mas de alguém por eles, senão confusão ou atrevimento do próprio carteiro.

Ressonâncias

E é agora a vez de algumas das ditas ressonâncias que vieram desde a Reitoria da Universidade até aos confins da região visada.

De Bragança, a primeira. É uma mãe, servindo de secretária ao filho:

«Conheço o vosso simpático jornal há décadas e fui assinante e, se agora o não assino, nem sei porquê...! Mas quis Deus que mo introduzissem na caixa do correio, agora dirigido ao meu filho.

Há cerca de 30 anos ia com meus filhos para a praia de Leça onde depressa descobriram os vossos gaiatos. Brincavam juntos e merendavam também em alegre convívio. Estávamos lá quando soubemos do falecimento do saudoso Padre Américo. Que onda de tristeza se espalhou na praia!» E com esta evocação sentida, o pedido de duas assinaturas: uma para casa, outra para o consultório.

E já que estamos em maré de secretários, Viana do Castelo vem com notícias de um marido em nome da mulher. E Braga, com um pai em nome de duas filhas médicas e decerto ainda vivendo na casa paterna, a justificar a não inscrição delas, «dado que o envio de três números iguais para a mesma casa, se traduz num desperdício que convém evitar».

Uma médica, do Porto: «Já comprava O GAIATO há muitos anos, mas agora quero ficar assinante».

Continua na página 4

PARTILHA

Avezinha a desprender-se...

★ Com oitenta anos e tão franzino, mais me parecia uma avezinha a desprender-se da terra. Ele me ensinou a partilhar com os irmãos até à última gota. Da última vez que o visitei, em 1982, em plena África, segredou-me a Irmã Geral quando entrámos na cozinha: «Há mais de um mês que não se cozinha aqui». E não. Não havia com quê.

Era o copito de leite, do pouco que restava, depois da distribuição pelos doentes e famintos.

Os seus olhos ficaram duas andorinhas velozes quando contemplou, extasiado, o Land-Rover carregado de leite, farinha e feijão.

Ainda vive este Padre belga! Quando a guerrilha avançou, os próprios guerrilheiros o transportaram, com respeito, para a cidade de Malanje.

Nunca foi à sua Pátria!

Terá, um dia, uma cruzinha de madeira, escondida pelo capim: «Aqui jaz fulano... nascido em tal... natural da Bélgica e falecido em tal...»

Mas, se me for possível, gravarei numa pedra: «Aqui repousa um dos filhos mais ilustres da Bélgica a quem Deus deu um trono no Céu — por ter consumido a sua vida pelos irmãos de Angola».

O leite tinha feito o milagre!

★ À sua missão, a 300 km da cidade, acorriam todos os dias os refugiados das guerrilhas. Ali, a par dos sacramentos e da Palavra de Deus, sempre bem vivo e presente, o respeito pela vida.

Estropeados pela fome e pelas caminhadas, ele os tomava e como que os gerava de novo.

— Venha ver uma coisa linda! — disse-me um dia.

Fui com ele e indicou uma jovem bela de 19 anos... Fiquei sem perceber.

— Não a conhece?

Continua na página 3

CALVÁRIO

(...) Devias gostar de, saber como decorre a vida deles. Episódios soltos fizeram-te entrever a naturalidade e alegria singela do seu viver, nesta Casa de doentes, para e por doentes. Por aqueles pudeste constatar que o Calvário não é uma Instituição hospitalar, nem sequer um Asilo ou coisa semelhante. Obra a seu modo, onde cada qual é filho dilecto — onde todos são irmãos e se entrem ajudam para mais suavemente carregarem a cruz, tantas vezes demasiado pesada para um só.

Padre Baptista



PELAS CASAS DO GAIATO

Conferencia de Paço de Sousa

• É um casal muito jovem, cujo marido sofreu um acidente. Ele sofria doutros males, que se agravaram. Têm um bebé com um ano. Para além da ajuda do avô, reformado, mais nada entra naquele lar. E a moça vê-se aflita para criar o menino: «Não tenho... pôr leite...!»

Conta a história. Todos os Pobres têm a sua história: «Antes de casar, já sabia q'ele sofria da cabeça. Mas gostávamos um do outro... Tá a ver... o meu pai não pode mais: quarto e... comerzinho. Só não temos p'ra criar o filho, q' o leite é muito caro. A gente não lhe pode chegar.»

Há dias, por curiosidade, fizemos a leitura rápida duma estatística de mortalidade infantil da O. M. S. Apesar do progresso, neste sector, a verdade é que permanecemos ainda na cauda do pelotão!

Nem sempre as vacinas, os tratamentos preventivos conseguem debelar todos os males, sobretudo onde falta o alimento chave — o leite (a granel ou enlatado) próprio para bebés.

Quantas vidas nascentes sobreviveriam se as mães pobres — que têm amor aos filhos — tivessem onde recorrer para matar a fome das crianças! O abono de família é irrisório!

Não falemos, agora, de casos típicos de alimentação inadequada para bebés de tenra idade, nalgumas zonas do interior. Aliás, factos debatidos em seminários, congressos, mesas redondas, reportagens da comunicação social. Não se passa daí, na generalidade. É pena!

• Não deixa de ser curioso referir que alguns Pobres, aos quais se deu a mão em horas difíceis, levantaram cabeça e, gerindo a partilha, resultou em boa colheita para sua promoção moral e social. Poderiam vegetar no submundo da miséria, mas integraram-se no meio. Graças a Deus!

São tantos os felizes contemplados! Do deficiente que precisou duma motoretta (ou de casa que o abrigasse) para manter o seu ganha-pão, ao oprimido

por doença grave que jamais lhe faltou o indispensável para acender a lareira, ter a respectiva medicação, levando a cruz até ao fim.

Nem tudo são rosas! Também encontramos uma ou outra família pobre ou novos pobres, (poucos) egoisticamente abandonados pelos seus pais — para se manter o nome. Paradoxo! Perde-se o sentido da Família, a solidariedade para com o Próximo mais próximo: do próprio sangue! Mazelas da sociedade de consumo e... diagnóstico para reflexão sobre o mundo em que vivemos.

PARTILHA — Assinante 8632, do Porto, dois contos. Maria, de Corte-gaça, 8.500\$00. De facto, como afirma Sidney Smith, «muitos talentos se perdem por falta de um pouco de coragem». Assinante 9790 não falha: lembra familiares «que já partiram para o Senhor». Redondo: um óbulo, «de preferência para viúvas com filhos ou para doentes», pela mão da assinante 20322. Realmente, como diz o assinante 7464, «muito temos a quem acudir» e manda dezasseis contos. O décimo terceiro mês da «Avó de Sintra» para a «Família do costume». Perseverança!

Mais 3.500\$00 da assinante 26471, «contribuição de Novembro, acrescida, para que a minha protegida possa ter um Natal um pouco mais feliz». Partilha de amor! Mais um cheque da Rua de Timor «para ajudar a consolda de inúmeros Pobres». Póvoa de Varzim: outro cheque «para uma viúva ou mãe aflita». Vinte notas de Durban (África do Sul). Cinco mil, da assinante 4951, por intermédio do nosso Padre Luiz. Assinante 49647, outro cheque e lamenta não poder enviar mais. Maria, de Espinho, uma nota de mil: «pequena migalha dada com muito amor». Aqui está o valor!

Fafe: remanescente de contas da assinante 13109, qual Óbulo da Viúva. Mil, da Amadora. Três, da assinante 5336. Mil, de Natália, cidade Invicta. Rua Ferreira Borges, Coimbra, o costume de todos os anos, nesta quadra. Oferta da assinante 44298, «especialmente para Viúvas com filhos» e... «não é preciso agradecer». Alegremo-nos com o interesse dos leitores pelas Viúvas. São bem dignas do nosso apoio. Como, aliás, dos primeiros Apóstolos.

O habitual vale de correio da assinante 27063. Sete, do assinante 23018, mais um cartão rico de Mensagem. Cheque avultado do assinante 27527, de Viseu. M. Amélia: «para ajudar a ceia de Natal da família mais necessitada». Assinante 32897, de Cardigos, dois mil; e outros mil «duma amiga». Largo da Capela, Ílhavo, mil. Presença amiga, de velha amiga, de S. Mamede de Infesta. «Um casal de velhotes», do Porto: «Na forma do costume, aqui estamos — eu e minha mulher — a enviar o nosso donativo do Natal, um pouquinho superior ao do ano passado, visto não poder esquecer-se os efeitos da inflação...»

Espinho: «Nem um só O GAIATO eu deixo sem ler e sem meditar! Tomar a decisão de ajudar a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus é que é a primeira vez. Porquê? Comodismo, egoísmo... sei lá bem porquê! Não sou rica, tenho necessidade de ajudar os filhos... Também tenho uma grande Cruz, mas certamente ainda mais leve do que a maioria dos casos tratados no vosso jornal; e mais leve, certamente, do que mereço! Tantas vezes tenho dito 'não' ao Senhor! Segue este cheque e um propósito de o repetir mais vezes». As Mães testemunham assim!

Assinante 44842, do Porto, vale postal «destinado a auxiliar a ceia de Natal de uma Viúva ou de um casal idoso que se encontre só». Fiães, assinante 10196, pede anonimato e manda cinco mil «para uma família ter um Natal mais alegre». Epígrafe da carta: «O amor sem verdade é cego e dura pouco» — do Cardeal Bea.

O nosso companheiro Licínio envia, de Paris, cinco contos para os Pobres. Deus te ajude! «Pequeno contributo» da assinante 11864, de Monchique, que fica no anonimato — como é óbvio. Calçada da Estrela, três contos «referentes ao ano de 1990». Gavião com Mensagem: «Também sou vicentina e nas nossas reuniões lemos muitas vezes O GAIATO que nos abre muito os olhos para o nosso viver cristão».

Pompília, de Setúbal, um cheque: «Pequena ajuda para aqueles que mais necessitam. É pouco, mas é de todo o meu coração». Alhandra: «Fiz uma peregrinação à Terra Santa. Pagando a despesa, não gastei senão o preciso ou indispensável. Mas, do pouco que levei, sobraram vinte dólares para o irmão que tiver mais necessidade de ajuda para um telhado. É pouco, mas é com muito amor que vos envio».

Assinante 14802 pede anonimato e manda o remanescente de contas «para minorar a ceia de Natal e o enorme sofrimento dos Pobres». Rua Pascoal de Melo, assinante 4498 afirma: «É sempre com interesse e mágoa que leio as notícias da Conferência». E remete um vale de correio. Fechamos a procissão com presenças muito amigas do Fundão, por cuja perseverança damos graças a Deus.

Retribuímos votos de santo Natal e Ano Novo. E, em nome dos Pobres, expressamos o nosso muito obrigado.

Júlio Mendes

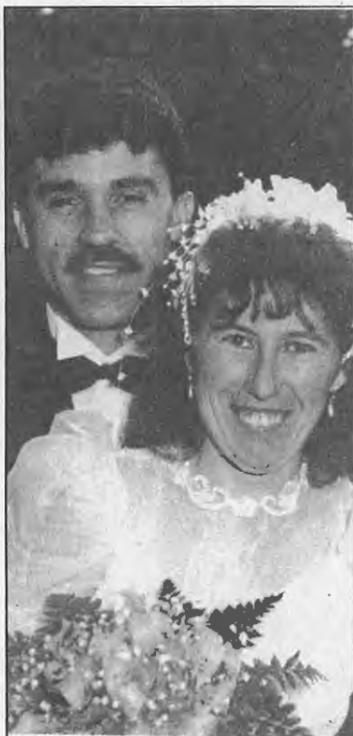
SETUBAL

FESTAS — A Festa do Natal foi parada por uma equipa de seis rapazes. Todos os dias, em nossa Casa, se ouvia: «Dança rítmica, os 'Batinhas' para o salão». Sempre a andar para, na altura, não haver «barraca».

Também já planeámos a Festa do Gaiato de Setúbal 1990.

A propósito dela, queríamos pedir aos nossos estimados leitores uma mesa de som que não faça falta, pois é uma das coisas que precisamos para a nossa Festa.

FREZA — Comprámos uma freza para a nossa serralharia. Já trabalha. Os técnicos vieram, acertaram tudo e pronto; já fez alguns carretos. Mais uma



Eugénia e Paulo, da Casa do Gaiato de Setúbal, unidos pelo Matrimónio.

máquina da «moda». As nossas escolas são para ensinar os rapazes a trabalhar. Esta máquina não foge à regra. O nosso mestre anda a ensinar um pupilo a manobrá-la, para que ele possa ensinar outros.

UM ERRO — Muitas vezes vou a casas comerciais para comprar material e, no final, pergunto sempre: «Em que nome fica?» — Casa do Gaiato, respondendo. Mas o empregado mete Casa Gaiato! Acho que o nome Casa Gaiato não existe. Não sei, mas na minha qualidade de gaiato, fico ofendido. Costumo corrigir muita gente, porque foi assim que Pai Américo disse: Casa do Gaiato. Não é por faltar do, mas sim pela vida, pelo enriquecimento que dá ao nome, pois Casa Gaiato não é a minha Casa... A minha Casa é aquela que abre a porta a quem precisa d'ajuda.

Desculpem este «sermão», mas tem que ser.

Um feliz Ano Novo para todos os leitores.

Paulo Martinho Lopes

TOJAL

DONATIVO — Houve um senhor muito amável que, no mês de Setembro, ofereceu cerca de 11 ovelhas. Estão a ser tratadas pelo Ludgero e pelo Diamantino. Quase todos os dias vão pastar.

LARANJAS — São muitas! As laranjeiras e as tangerineiras estão carregadinhas do precioso fruto!

NATAL — Os pequeninos esperaram, ansiosamente, a sua prenda colocada no sapatinho à meia-noite!

Recebemos alguns brinquedos; mas, aproveitamos a época para pedirmos material escolar...

FUTEBOL — No dia 8, os gaiatos que já fazem a sua vida fora da nossa Casa vieram, mais uma vez, até cá, para conviverem connosco e jogar um desafio de futebol. O tempo não estava muito bom. O campo por arranjar. Parte dele parecia uma piscina. Resultado final: uma derrota de 2 para nós e 4 para os mais velhos.

Um dia maravilhoso! Os mais velhos vieram ao nosso encontro com alegria e boa disposição.

Venham sempre...!

Luís Miguel Fontes

NATAL — É sempre nesta altura que se verifica uma certa calma social. Para nós, cristãos, uma época em que vivemos tudo o que envolve o Nascimento de Jesus. O Natal é a Festa da Família.

Em nossa Casa os miúdos correm o olival e os campos à procura de musgo para os presépios. E, na catequese, perguntam: — O que é o Natal?

Natal:

É o Nascimento de Jesus!

Libertação!

É, para alguns dos nossos rapazes, Liberdade que é uma coisa muito bela, muito boa. «Para mim é como um pássaro livre a voar pelos campos verdes. Há pessoas que nunca vêm a Liberdade no seu país, pessoas que são mortas por tudo e por nada; fome, guerra. Milhões de crianças morrem porque não têm casa para viver nem prato para poderem comer. A Liberdade é uma coisa que devia estar sempre presente em todo o mundo.»

Viva a Liberdade!

É certo que todos somos influenciados pela onda de violência e indiferentismo. Mas, nesta época, dum modo especial, apetece partilhar com os nossos leitores o desejo de aceitar o Menino Jesus e, com Ele, darmos as mãos às crianças, aos jovens, aos doentes, aos deficientes e aos velhos.

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

Natal é uma festa e, como tal, só a vivemos se dermos o nosso coração. Recordo um testemunho de um nosso amigo: «O Natal só é festa quando eu humildemente me aproximo dos que realmente precisam de amor! E são muitos!»

Os presépios são bonitos?... Bom, há tempo para ser criança, mas acontece é que em vez de as crianças se fazerem homens parece que há homens que se querem fazer crianças, menos na inocência. Há gente adulta que gosta de «brincar» aos presépios com anjinhos, vaquinhas, burrinhos, luzinhas e outros inhos; meninos de barro, luzes que cegam...

Mas há tantos presépios vivos: — Haverá possibilidade de pôr aí o meu filho? Ele tem um mês de idade!... Adoramos o Menino Jesus?

José Manuel dos Anjos Nunes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Há homens que são sonhos, outros gritos.

Há homens que guardam estrelas no olhar, outros a noite. Uma noite tão baça que nem a força do anúncio da estrela dos Reis Magos consegue brilhar nem conduzir ou dizer seja o que for.

E a vida faz caminho, sem luz. A Floripes virou costas à Espanha e veio. Já teve cá o bebé, uma menina com três quilos e pouco. Linda!

Vão seis meses. Com essa idade a pequerrucha já conheceu o cheiro dos hospitais e o branco das batas. Meu Deus, como os Teus desígnios estão para além de nós!...

Diagnóstico: Uma anemia! Embora gordinha...

A história de um homem é mistério, tanto mais misteriosa quanto apenas arrastamento.

A D. Lourdes veio ter comigo. Estranhei. Senti-lhe nos gestos o pouco à vontade e a necessidade de dizer alguma coisa que não saía.

Falou-me dela. Do seu casamento. Disse que não casou por amor. Que ele estava na cadeia e que tem cadastro de trinta anos.

Mas!?... Não perguntei, pensei apenas.

Ele bebe, bate e não trabalha. Chegou a vender um brinquedo oferecido ao filho para conseguir dinheiro. Pô-na fora de casa.

— Uma noite dormi com as crianças (dois filhos de 12 e 8 anos; e as netas de 2 anos e outra, na altura, com 4 meses) nas casas de banho públicas. Estava lá mais uma velhota maluca. Outras vezes os vizinhos deixam-nos lá ficar. Não posso, não consigo viver mais assim. O que eu queria é que ele morresse.

Por vergonha, calou sempre isto. As tarefas que apanhou, os berros que a feriram e os caprichos do álcool que lhe roubaram a dignidade. Doeram-lhe as bofetadas que viu dar nos filhos e na neta mais velha. Mas calou. E pediu que nada dissesse ao marido.

Do que nós necessitamos

Apetece censurar.

Quanto à Floripes, o pai não a quer em casa nem ela se lá quer. Dorme num quarto que conseguiu. Quer voltar para Espanha e pensa levar uma das filhas... Não tem dinheiro. Trabalha num bar, mas o ordenado «vai-se quase todo para o quarto».

Apetece censurar.

Vive esta gente apenas com 500\$00 que a D. Lourdes ganha sobre joelhos doentes e com 7.000\$00 vindos da Holanda, onde estas vidas encontraram eco: «Este dinheiro é para o leite das crianças». Talvez a Floripes consiga pôr de lado mais alguma coisa... Mas só!

Apetece censurar. Mas fazê-lo talvez seja acusar a Deus, ou denunciar a estupidéz dos homens.

Numa análise mais profunda vê-se, lá no fundo dos olhos, apenas a noite baça e descobre-se que qualquer «solução» é difícil e inadequada.

E descobrimo-nos indignos da nossa «importância». Talvez os outros, apenas eles, tenham a razão de ser dos dias. Eles, embrulhados nas dores, trazem Aquele que deu a Vida.

Que nas lágrimas feitas orvalho dessas noites, lavemos o nosso olhar e alarguemos as nossas mãos.

Há noites baças, sem estrelas! Há Dezembro! Há o Natal. O natal dos seres que a desgraça usou... O vinho enregelado, o pão é duro e os brinquedos não tecem sorrisos porque não se recebem. Mas resta ainda esta certeza, que jamais se apaga: Amanhã! Amanhã!

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — A força da doação faz-se de migalhas com vontade de ser pão. Elas vão chegando e o pão vai crescendo nas mãos de quem precisa.

Assinante 35020, roupas e 3.000\$00; assinante 20672 envia 5.000\$00 «para comprar cobertores para a Idalina»; um anónimo, 2.000\$00; um outro, 1.000\$00; uma leitora de Tavira envia 10.000\$00 e como certeza de que nós recebemos o seu donativo, pede que escrevamos apenas: «O desejo da leitora de Tavira será satisfeito».

Se as palavras ainda têm força, dizemos o nosso obrigado.

Pereira

PAÇO DE SOUSA

CASAMENTO — No domingo, 10 de Dezembro, casou mais um nosso irmão desta Casa. Uma grande festa para o Mendão e a Maria João.

Ficamos contentes quando vemos um irmão a lançar-se para a vida, uma vida maravilhosa e sã. O que a muitos rapazes não acontece...

VISITAS — Dia 6, uma excursão do Colégio dos Órfãos, do Porto, veio visitar-nos. Trouxeram prendas que compraram para distribuir por alguns rapazes da nossa Casa.

Aqui fica o nosso muito obrigado e votos de feliz Ano Novo.

GADO — Quase todas as semanas nascem vitelos e vitelas. Os vaqueiros estão sobrecarregados de trabalho!

Além das vacas, também as ovelhas estão no seu tempo de criar. Na semana passada nasceu um carneiro. Agora, esperamos uma ovelha para completar o casal.

OBRAS — Os trolhas continuam no velho edifício da tipografia. Esperamos que fique em ordem no final do ano.

O refeitório está quase pronto. Faltam alguns pormenores a acrescentar para o nosso bem-estar.

FUTEBOL — Não temos realizado desafios de futebol devido à falta de esféricos! E mais: chuteiras, equipamentos e luvas de guarda-redes.

Esperamos a vossa ajuda. Desejamos a todos um feliz Ano Novo. Boas entradas!

«Andorinha»

Primeiro que tudo necessitamos uns dos outros. É o ponto de partida para saber quem somos. A pouco e pouco vamos descobrindo que a verdadeira riqueza não está nos bens materiais. Eles são um meio, nunca podem ser um fim. O Bem Comum é sempre a meta. O caminho para lá chegar está na partilha do que somos e temos.

Quando há em nós esta preocupação, entendemos «... o pão nosso de cada dia...» e seremos mais felizes. Di-lo a experiência.

Estou a pensar naquele pequenino grupo que visitou a nossa Casa, pela primeira vez. Não fazia ideia do que era uma Casa do Gaiato. Tão pouco para quem era. Do meio da gente alguém diz, baixinho, ao meu ouvido: «Que pena! Estas Obras deviam ser mais ajudadas». Referia-se aos bens materiais. Estes são necessários, mas não chegam para que a Obra viva, cresça e estenda os seus ramos. Outros bens faltam, nesta hora: o dom de pessoas. Sim, o dom de pessoas, neste momento, está em primeiro lugar.

«Que Deus aumente a minha Fé! Comecei, agora, a receber a reforma de velhice e mando uma migalhinha para lembrar o Natal! A reforma é pequenina, 14.600\$00, mas estou muito contente com ela. Que Deus me ajude e me dê um pouco de saúde para nunca ser pesada aos nossos entes queridos.»

Há muita doutrina neste parágrafo. Não é uma pessoa diminuída que fala da sua experiência. É uma pedra atirada ao charco da indiferença, do egoísmo, da injustiça. É um coração sábio que dita sentenças de vida e de morte. Com a serenidade de quem está livre. Com a força de quem é pequenino e fraco. É verdade. A actualidade *Do que nós necessitamos* está no encontro de caminhos por onde passam os outros e partilham suas vidas. São os Construtores de um mundo novo!

«Através deste vale, aí eu mando umas pequenas migalhas... São, sem dúvida, um pouco do meu amor pelo Próximo... deserdado da justiça social tão apregoada, mas muito pouco vivida. Sou um funcionário público que vive do seu ordenado, incluindo o abono de família. Tenho seis filhos a meu cargo, mas enquanto Deus me ajudar, lembrar-me-ei sempre de vós. Quando receber o novo aumento de ordenado, que ainda não sei quando vai ser, enviarei mais um pouco, conforme me for possível.»

Mais doutrina. É a sabedoria dos simples para confundir a ciência dos inteligentes, à maneira do mundo, e abrir o coração de metal, insensível ao apelo dos demais.

Necessitamos uns dos outros. É o mais importante na vida. «Peço-lhes que agradeçam a Deus por mim e pela minha família, as muitas graças e bens que nos tem dado.» Mais: «Dando graças a Deus por me ser possível, junto envio esta humilde importância, em nome do André, Inês, Fernando José, Anabela e Maria Helena. Muito obrigado». Há uma corrente de vida que gera e é fruto da comunidade de pessoas abertas aos problemas dos Outros. A beleza e a grandeza das coisas pequeninas está em relação com o amor que pomos nelas.

Quem pode pesar e medir o que fazemos com verdadeira devoção? Só Deus. Por isso, achamos graça às expressões «migalhas» e «é pouco, mas dado com muito amor», quando dito da moeda ou nota baixinha ou de quantia maior. Quem assim pensa e faz, sente-se sempre na coluna dos devedores. «Aproxima-se o Natal e quero, por

PARTILHA

Cont. da página 1

— Não — respondi.

— É aquela velhinha, só esqueleto, que lhe mostrei, há três meses.

O leite tinha feito o milagre!

O sol batia-nos em cheio e a jovem sorria cheia de candura.

Presépio sem gruta

★ Conservo e recordei, também, neste Natal, a imagem daquela mãe espavorida e faminta com seu menino-«Jesus»-esqueleto, agarrado às peles compridas dos seios... Ela tinha dado ao filho a última gota de suas forças!

Quando o Padre Dervillers a viu no meio dos outros, apressou-se a socorrer o bebé preparando e dando-lhe um copo de leite. Ela o agarrou com as duas mãos e o bebeu dum trago — tal a profundidade angustiante da sua fome que até o instinto maternal embaciou!

Presépio sem gruta, sem luzes e sem estrela... Tão longe dos lindos presépios desta Europa... Tão perto do coração de Deus que escuta o clamor dos famintos!

É Deus que é lento ou somos nós que embevecidos com os nossos presépios nos esquecemos daqueles?!

Que o clamor dos Pobres sobe até Deus, sobe.

Padre Telmo

ASSOCIAÇÃO dos Antigos Gaiatos do Norte

ELEIÇÕES — Realizou-se a anunciada Assembleia Geral da qual destacamos, entre os assuntos apresentados, a marcação de eleições para o elenco directivo que irá gerir os destinos da nossa Associação durante 1990/91.

Foi decidido:

1. Marcação de eleições para o dia 3 de Março de 1990, pelas 14 horas;
2. As listas dos candidatos devem ser entregues, na sede, até 20/2/90;
3. Só poderão votar ou candidatar-se os sócios no pleno gozo dos seus direitos.

Fica assim aberto o caminho para quem deseje candidatar-se. Que apareçam novas caras, novas ideias, capazes de fazerem mais e melhor.

Carlos Gonçalves

isso, trazer a minha pequena partilha que, embora para mim não represente sacrifício, peço ao Senhor ma aceite. Como eu me sinto «pequenina» perante a generosidade de irmãos nossos que tanto dão e sabe Deus com que sacrifício, às vezes! É certo, também que tenho mais com quem partilhar...»

A missão de cada um é ser luz. Há fome e sede de palavras e gestos a apontar caminhos novos. Somos testemunhas. Cada um tem responsabilidade na formação da consciência individual e comunitária. Os actos, a devoção e a defesa dos mais pobres são lições para recordar e imitar tanto quanto cada um seja capaz de o fazer. Ainda que seja uma gota de água! Reparem neste apontamento: «... Para minorar o remorso crescente (pecados de omissão) envio o cheque junto, destinado às famílias sem casa. É uma gota envergonhada porque não faz parte daquilo que me faz falta. Sem ser propriamente um sobejo, não chega a sacrifício, pelo que vos peço perdão por tão pequena disponibilidade e não reparem nela».

É a delicadeza de consciência que vem ao de cima. Não fosse esta coluna e não colheríamos o fruto para o saborear.

Qual o pai ou a mãe que não aprecia os pequenos gestos de ternura de seus filhos? Onde se revela a delicadeza de consciência das pessoas? Nas pequenas coisas, também. Falhamos tanto! «Como venho fazendo nos últimos anos, aqui estou a enviar uma pequena contribuição para este Natal. Embora vivendo dum vencimento, reconheço que o que envio é do que não me faz falta. Daí o seu pouco valor. Como eu desejaria ser diferente...» A educação não se faz aos saltos. É uma arte que tem o seu ritual próprio. A educação da consciência começa pela descoberta do que há de bom em cada um. É um trabalho pessoal. Lento. Mas é necessário fazê-lo.

À medida que a pessoa vai entrando no seu mundo interior surgem as surpresas. Nem tudo está certo. Vem o reconhecimento das falhas. Depois «... Como desejava ser diferente...»

Esta partilha de experiências enriquece. Quantos muros abalados?! Quantas cabeças inquietas?! Quantas vontades mobilizadas?!

A perseverança da multidão de Amigos da Obra da Rua é um estímulo insubstituível. Se ao longo do ano damos conta da sua passagem, por vezes ao jeito do fiozinho de água, na quadra do Natal é torrente caudalosa!

A presença das costureiras do Hospital de Santo António é uma graça de há muitos anos. Quanto carinho! O mesmo dizemos das telefonistas do Porto.

Necessitamos uns dos outros. «Estou, neste momento, em dificuldades profissionais. Se lhe restar um minuto reze por mim e por minha mãe que está doente.»

«Desculpem se vos esqueci, só que nem sempre posso fazer o que desejo. Vou pedindo a Deus que vos ajude e mande as Mães de que tanto necessitais.»

«É pouco, eu sei, mas é uma pobre a dar aos Pobres, pois sou

uma pobre que tenho de viver com uma pequena reforma. Trabalhei toda a vida na lavoura, a jornal, mas agora as forças acabaram-se. Meu Deus, obrigada por tudo quanto me dais.»

«Os problemas e as necessidades são cada vez mais e todos somos responsáveis pelo mal que alastra pela nossa sociedade.»

É tempo de Natal. Não damos conta de tudo. A Agenda e o Coração de Deus lê e nós agradecemos.

A consciência de cada um seja presépio onde o Filho de Deus se sinte bem!

Padre Manuel António

DOCTRINA



• O Zé Maria, de Lavos, ainda não bebeu, até final, o cálix de amarguras que o Senhor lhe deu para beber. «Já vai para dezoito anos e ainda aqui estou no mesmo ser» — disse. De brucos, é o seu ser. Pois é necessário que nós estejamos com ele, rezando, para que o pobre rapaz não desespere; nem ele nem o seu vizinho, aquele do mal de Reynaud. Fui topá-lo, pobre tronco humano, a contorcer-se no chão, numa fase activa da doença e a mostrar à gente manchas negras nas extremidades dos reduzidos membros — o mal em ebulição. «Já me cortaram as pernas e os braços, no hospital da Figueira» — disse — «e, sofrer por sofrer, antes me quero aqui». Fuma um cachimbo queimado, quando as dores lhe dão tréguas e espreita o mar com saudades, de onde tirou redes de peixe, quando podia trabalhar.

• Volto lá na próxima semana, sentar-me no piso do Doente e pedir ao nosso Bom Deus que o mal de que ele sofre seja, sim, um companheiro triste na vida, mas nunca o desespero dela. Não me deixes ir com as mãos vazias. Tenho de levar algo da tua abundância: panos de linho, fruta seca e fruta verde, marmelada do teu stock, dinheiro do teu salário. Quanto possível, dar cada um do que tem em sua casa para seus gastos, com sacrifício real, sujeito a privações; e assim a tua esmola, escondida e valorizada, vai aliviar a grande dor dos doentes e santificar a tua alma.

D. Amín. S!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

O nosso jornal

Cont. da página 1

Como este, muitos outros testemunhos, por exemplo, o de um Professor da Faculdade de Medicina que «até esta data lia sempre o jornal, comprando-o aos nossos queridos rapazes».

Não posso honestamente assumir o compromisso de ler...

«Leitor ocasional do vosso quinzenário, que há muito chega a casa de meus pais, não posso honestamente assumir o compromisso de o ler habitualmente: ausências repetidas e prolongadas (a próxima para tratar também de alguns «gaiatos» na Guiné). Deus irá consigo! Que vá também na mensagem do nosso jornal até ao Alto Minho, a quem se encontrar com ele no Centro de Saúde para onde pediu uma assinatura».

Uma outra Mãe, evocando: «Não nos era estranho o vosso jornal. A saída das igrejas e também nos meios de transporte encontram-se muitas vezes esses simpáticos rapazes a vendê-lo».

Dir-vos-ei que quem está a escrever esta carta é a mãe do Luís Filipe, pois que o casal tem sempre

tantos afazeres profissionais e domésticos (com cinco filhos menores) que delegou em mim esta tarefa. E com muito gosto o faço porque, em Coimbra, nos fins da década de 30 e início de 40, acompanhei o nosso saudoso Padre Américo, na obra de S. Vicente de Paulo.

Trabalhávamos — eu e várias colegas — com prazer, ao lado de um Homem a quem não cansavam os problemas dos «seus Pobres». Recordamo-lo com saudade. Muito nos ensinou a sua bondade.»

Outra vez Viana do Castelo, agora a mulher em nome do marido:

«Fomos um dos que tiveram a sorte de receber dois números d'O GAIATO oferecidos por um médico e esposa. Bem hajam.»

Há muito tempo que conhecemos o vosso jornal e o lemos sempre que vamos a Coimbra, onde temos familiares que o têm em casa.

Considerem-nos desde já assinantes e assíduos leitores, pois tanto o meu marido como eu adoramos a Obra do Padre Américo e o seu jornal uma das coisas mais bonitas que nos acontecem nos dias de hoje.»

Porque não levar a ideia a Engenheiros, Advogados, etc.

É tempo de parar, hoje. Só quero dizer que, quer de um médico agora interpelado, quer de outros leitores do Famoso, vem a sugestão: «E porque não levar a ideia desse casal de médicos junto da Ordem dos Engenheiros, Advogados, etc.? Poderia resultar! Não interessará?...»

Interessa, com certeza! Todavia, convém fazer uma pausa, até que esteja resolvido o problema do endereçamento informático do nosso jornal. Passam já bastante de cinquenta mil os jornais despachados em cada quinzena. A capacidade dos nossos rapazes encarregados deste trabalho atingiu o seu limite. Na hora própria daremos o recado — e venham Advogados e Engenheiros e Economistas e Professores... e toda a gente de boa vontade, seja qual for a sua condição social.

Esperamos que não seja utopia o «vamos para os cem mil».

Padre Carlos

PATRIMÓNIO DOS POBRES

☆ Ontem fui assistir à bênção e entrega de mais duas casas a famílias pobres, de Cantanhede. O bairro vicentino ficou com vinte e duas casas airosas num bairro airoso. No futuro ainda o há-de ser mais, pelas construções de carácter social para famílias menos remediadas.

Estiveram presentes: Vigário Episcopal, Presidente da Câmara, Pároco da freguesia, vicentinos e muito povo.

Nas palavras que alguns proferiram recordou-se o vicentino apaixonado, Dr. Álvaro de Campos. Viveu-se a hora da prenda de Natal a mais duas famílias e os votos muito sinceros para que todos os mais necessitados tenham a sua casa como prenda de Natal.

Obrigação das Autarquias locais

O Presidente da Câmara falou como homem vicentino e Presidente da Câmara. O direito que todos os homens têm a uma habitação digna e a obrigação das autarquias locais em promover condições para que todos tenham casa. Disse mais: que a Câmara tem terrenos disponíveis e dinheiros que devem ser para ajuda de habitação para os mais pobres.

Gostei muito do abraço de despedida e da sua confiança: «Olhe que sempre li e continuo a ler O GAIATO. E leio-o de fio a pavio. É no vosso jornal que tenho aprendido muitas coisas».

Quero meditar uns momentos com todos os mais responsáveis pelo problema da habitação. Pelas declarações e compromisso deste Presidente nós podemos ver, um pouco, o muito que as Câmaras municipais poderiam fazer neste campo. Terrenos livres à disposição, projectos e licenças gratuitos.

Pela presença daquele grande grupo de amigos desejosos de continuar a ajudar, ficou mais vincada a certeza das maravilhas que a ajuda pode fazer. Este grupo quer continuar.

Autoconstrução

☆ Na véspera, tinha passado numa aldeia onde se ofereceram os materiais para algumas famílias numerosas e muito carenciadas construir a sua casa. Parei junto de uma delas, em acabamento. Estava a dona da casa. Disse-me que o marido só à noite e aos sábados pode ir trabalhando e que ainda não estará pronta para o Natal. Foi a uma pequena arca buscar três saquinhos de carne de porco que tinham morto na véspera: «É para o sr. padre e para os seus meninos. Tenho cá dois saquinhos de batatas para o sr. levar. São da nossa sementeira».

Fiquei tão feliz com esta oferta que a viagem me custou menos a fazer. Os pobres a partilhar com os outros. É tão bom partilhar o amor em obras! Vamos, como prenda deste Natal, ajudar irmãos a ter sua casa.

Padre Horácio

Aqui, Lisboa!

Este número de O GAIATO sai a poucos dias do cinquentenário da Obra da Rua e dos quarenta e dois anos desta Casa, respectivamente a 7 e 4 de Janeiro próximos. Obviamente, embora sem espaventos à moda do mundo, não poderíamos deixar de assinalar tais datas, dando graças a Deus pelo bem que possa ter sido feito e lembrando todos aqueles que, de maneiras diversas, para tal contribuíram, muitos dos quais, como é natural, já partiram para a Eternidade.

Nas primeiras páginas do livro Obra da Rua poderão os leitores encontrar a descrição pormenorizada de como nasceu no coração de Pai Américo a ideia de lançar a primeira Casa do Gaiato, em face das «capelas imperfeitas» que constituíam as chamadas Colónias de Campo do Garoto da Baixa, levadas a cabo em S. Pedro de Alva e em Vila Nova do Ceira, nos anos antecedentes. «Sem nome, sem influência, sem prestígio, sem dinheiro; destituído de todas aquelas qualidades que fazem girar no mundo homens e ideias — eu realizei eficazmente os meus desejos que são justamente os do garoto da rua: dar-lhes pão, sol, largueza, asas. Comprei uma casa para eles.» Nasceu assim a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, que viria a ser inaugurada em 7 de Janeiro de 1940.

Vale a pena reter que foi no mês de Julho de 1939 que Pai Américo foi examinar casa e local, na companhia do informador, que era o próprio proprietário. «Gostei e tratei por quarenta mil escudos». Depois: «Assinei a escritura, dei metade à conta e no fim de poucas

ENCONTROS

«Homem algum é uma ilha»

Quando ainda era muito jovem, passou pelas minhas mãos um livro de Gustavo Corção. Não recordo nem o título nem o conteúdo. Apenas fiquei com uma frase: «Homem algum é uma ilha». Não me lembro se é citação ou se é criação do autor. Pouco importa. Saboreei o desafio. Senti o incómodo. Nessa altura o meu «eu» desejava ser como uma ilha. Um mar imenso à volta, afastando para lá do horizonte o continente dos homens. Aceitei a aventura de abrir caminhos através do mar e deixei que às minhas praias chegassem barcos vindos de outras paragens. À medida que os caminhos se iam multiplicando, sucediam-se os encontros e passei a gostar mais de mim. Mais tarde, vislumbrei alguma comunhão com Pai Américo: «Quão delicioso é este eu, quando a gente o dá aos mais!»

Há três anos, na Obra da Rua, não tenho escrito para o nosso jornal. O facto não me preocupa. Nunca tive nem jeito nem propensão para a escrita. Parece, no entanto, que o facto tem preocupado alguns amigos. Um dia destes, alguém com responsabilidades, e depois de me ter abordado o assunto em várias ocasiões, lança-me à cara: «Já constituí um escândalo o senhor não escrever». Sorrindo para quem assim me interpelava, fui-me dali. Curiosamente, a frase que se tornou companheira de viagem mais uma vez me surgiu na mente.

A vida manifesta-se nos pequenos factos...

Aqui estou, lançado à água, a ver onde me conduz este novo caminho. Gastaria um jornal inteiro a falar das imprevisíveis que cometo ao empreender esta viagem. Escrever o quê? Para quem? Qual o modo, o tom, a técnica a utilizar? — Não sei!

Tenho aprendido que a vida, na sua verdade mais profunda, se manifesta nos pequenos factos, simples e banais que, num tempo de super-heróis, até temos um certo acanhamento em confessar. Fico contente quando leio coisas do dia-a-dia e posso dizer: — Isto também se passa comigo. Creio que muita da nossa falta de diálogo, de encontro, de comunhão, nasce no momento em que desvalorizamos o que vivemos e, por isso, não o comunicamos. Se passar a escrever, ver-me-ei obrigado a dizer vidas que passam na minha vida, quase sem importância, mas são vida.

Pronto. Hoje fica-se a saber que uma frase habita a minha vida: «Homem algum é uma ilha». Tem-me dado muita luta e, sobretudo, muita alegria.

Lembro, agora, o Natal. Deus abre caminhos ao encontro do homem. O Encontro chama-se Jesus. Quanta esperança!

Padre Manuel Cristóvão

Tribuna de Coimbra

Cont. da página 1

A Casa do Gaiato é Casa de Família e, por isso, os mais pequeninos têm lugar especial. Recordamos alguns: Manel «Coco», de Anadia; Rui, de Coimbra; Augusto «Pião», de Sines; Vítor «Tótó», de Coimbra; Manuel «Cigano», de Estremoz; Tonito Roxo, de Cernache; Vítor «Mimalho», de Coimbra; Tonito, de Vila de Rei; Toninho, de Coimbra; Joãozinho «Preto», de Moçambique; Carlitos, de Albergaria dos Doze; Paulinho, da Covilhã; Patrício, de Trancoso; Zé «Godó», de Pampilhosa; Telmo, de Maçãs de D. Maria; e Paulo, de Sardoal. Se eles soubessem e pudessem contar a sua história! Como havíamos de chorar a ouvi-los!

Desta família, já alguns partiram para a Casa do Pai. Recordamos Pai Américo, Padre Adriano, professor Manuel Ramos, Marcolino, José Franco «Bife», Zé «Briu», António «Ratinho», Figueiredo, António da Conceição, Gabriel, Luís Manuel «Cebola», Altino, Joaquim, João Emílio «Chola», Luís «Velha», Ruízito, Agostinho «Malaposta», Manuel Ferreira e José Maria Baltazar. Que estejam em Paz, são os nossos votos.

Fazem parte integrante desta família as duas senhoras que estão connosco há 42 e 41 anos: Maria da Luz e Maria do Rosário. Muito novas se ofereceram para servir. Têm sido as mães destes numerosos filhos. São modelo generoso de maternidade fecunda. Quem quer vir associar-se a elas?

Temos muitas razões para louvar e agradecer ao Senhor estes cinquenta anos. No dia 7 de Janeiro nos reuniremos em Eucaristia presidida pelo nosso Bispo. Não há convites especiais. Estamos todos convidados. Vamos todos louvar e agradecer ao Senhor.

Padre Luiz

Padre Horácio



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285
Fotocomp. e imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 50078898